

## SELECÇÃO DE CASOS PARA REFLEXÃO E ANÁLISE

A análise de casos é um exercício absolutamente indispensável em bioética, desenvolvido pelas comissões de ética na sua dimensão assistencial, tendo em vista o cumprimento de um desempenho consultivo e formativo, direccionado para pessoas doentes e profissionais de saúde – como foi já sublinhado. A sua importância conduziu à presente revalorização da casuística, método de apreciação ética centrado na análise sistematizada de casos concretos.

A casuística surge originariamente no domínio filosófico durante a escolástica e como método de aplicação da lei moral às diversas situações concretas modeladas pela vida de modo a garantir a moralidade da acção. Assim definida, a casuística só se justifica pelo carácter objectivo e universal da lei moral o que, por sua vez, apenas se poderia fundamentar na Revelação. Por isso, a casuística é uma produção da moral cristã que conheceu igualmente importantes desenvolvimentos no judaísmo e no Islão. Simultaneamente, porque a casuística supõe a existência de uma lei universal ou um conjunto de princípios objectivos a aplicar à diversidade do real, o seu enunciado terá de ser suficientemente amplo, geral, para poder cobrir todas as situações possíveis o que coloca um problema premente: o da harmonização do carácter abstracto da lei e do carácter singular de cada caso. A casuística vem a afirmar-se precisamente como essa metodologia, tradicionalmente de carácter dedutivista, que realiza a transição entre um plano teórico, universal e abstracto, e um plano prático, da realidade efectiva, concreto e singular. Neste contexto, a casuística apresenta-se como um método de raciocínio moral absolutamente indispensável.

O efectivo sucesso de que a casuística gozou durante cerca de cinco séculos veio, porém, a desvanecer-se num progressivo descrédito até ao seu quase desaparecimento. Alguns factores contribuíram decisivamente para este processo. Um primeiro, de natureza interna, foi precisamente o dos excessos a que o êxito da casuística conduziu, por exemplo suprimindo

a intervenção de diversos elementos da vida moral como seja o da convicção individual, ou o laxismo para que foi resvalando no esforço por se adaptar sempre a novas situações. O pensamento de Pascal e prestígio de que a moral jansenista começou então a gozar foram um segundo factor, extrínseco, para a acentuada desvalorização da casuística. Pascal (e também Arnauld) criticou fortemente a casuística nas suas *Lettres Provinciales* (1656), denunciando e mesmo ridicularizando os seus excessos, numa orientação amplamente desenvolvida pelo jansenismo. Esta corrente do pensamento moral criticava a casuística incidindo muito em particular na tese do probabilismo como critério para a acção moral, ou seja, da possibilidade de retomar a argumentação de uma autoridade estendendo-a à aplicação a uma nova situação, num procedimento característico da casuística jesuíta.

Hoje são muitas as vozes que consideram que o desaparecimento do método casuístico teria sido uma perda assinalável para a racionalidade moral, muito principalmente no domínio específico da bioética em que é constante a exigência de uma prática efectiva e eficaz ao nível dos casos particulares. A casuística, ao favorecer a consideração da diversidade dos casos concretos singulares, contempla também uma multiplicidade de elementos que constituem a própria situação e que são frequentemente negligenciados por outras teorias da acção. Por isso se tornou tão importante na moral contemporânea a revalorização da casuística protagonizada principalmente por Albert Jonsen e Stephen Toulmin, em 1988, com a sua obra *The Abuse of Casuistry*, especialmente dirigida para o domínio da ética dos cuidados de saúde.

Jonsen e Toulmin partem da crítica ao abstracionismo da meta-ética, que havia dominado o panorama da reflexão ética durante o século XX nos Estados Unidos, a que contrapõem a reabilitação da casuística, indispensável para enfrentar os problemas práticos concretos da vida moral do homem actual. Eles criticam igualmente a tácita necessidade corroborada pela prática comum de reportar todo o juízo ético a um plano universal para garantir a sua justeza, pelo que a arte da casuística que apresentam não assenta em quaisquer princípios universais e invariáveis, estruturantes da acção. Com efeito, Jonsen e Toulmin atendem principalmente às circunstâncias concretas de casos singulares e às máximas que as pessoas invocam face a dilemas morais, examinando cada caso nas suas características paradigmáticas, estabelecendo semelhanças e diferenças com outros casos, com tipos particulares de casos e assim construindo o que designam por uma "taxonomia moral". Procedde-se, pois, a uma análise caso a caso, num plano analógico.

Deste modo, hoje a casuística não é mais necessariamente entendida como a aplicação de princípios universais à prática individualizada, mas pode ser também retomada, na esteira de *The Abuse of Casuistry*, como reflexão sistemática e comparativa de casos concretos singulares no sentido de se vir a proceder à enunciação de directrizes de acção. A casuística não é, todavia, considerada como uma metodologia suficiente por si só para a apreciação moral dos problemas bioéticos ou que se coloque como alternativa exclusiva dos outros modelos teóricos da bioética. Pelo contrário, esta casuística revalorizada – que nem se restringe a uma análise puramente pragmática de casos sem atenção ao nível de fundamentação teórica, nem reclama qualquer universalidade padrão – exerce-se a par do desenvolvimento de outros modelos teóricos da ética aplicada sem que, simultaneamente, algum destes prescindia da análise de casos na sua acção reguladora da teoria.

Esta orientação, que aposta na complementaridade de diferentes modelos teóricos a par da afirmação da importância da casuística, desenvolve-se evitando os aspectos negativos quer de uma aplicação rigorosista de princípios à prática (que pode conduzir a uma tirania), quer das críticas genéricas de relativismo dirigidas à casuística. O apontado relativismo justificar-se-ia pela ténue ligação da casuística a qualquer teoria moral e ainda pelo facto dos paradigmas construídos serem sócio-culturalmente situados o que, por sua vez, impossibilitaria a extensão dos mesmos a uma ampla sociedade pluralista – críticas estas ultrapassadas no âmbito da complementaridade entre diferentes perspectivas teóricas para consideração das questões em análise.

Em síntese, consistindo a bioética numa ética aplicada, ou seja, numa ética que ultrapassa a enunciação geral de princípios ou a formulação de teorias da acção para atender à verificação destas nos casos ou situações concretas singulares, não poderá prescindir da consideração de casos concretos e singulares. Mas porque – já Aristóteles o afirmava – não há ciência do singular, importa igualmente não se lhes restringir. Do ponto de vista da teoria bioética, cremos que a análise de casos funciona maximamente bem contextualizada (não numa perspectiva dedutivista, mas) no âmbito da teoria do “equilíbrio reflexivo” (*reflective equilibrium*) de Rawls, em que a bondade da teoria se confirma na prática e os casos ajustam a veracidade da teoria. Do ponto de vista prático, os casos constituem uma via excelente para o ensino ou formação evidenciando e ilustrando uma realidade que, no âmbito teórico, se oferece mais obscura e menos atraente. Particularmente numa perspectiva anglo-americana, os casos constituem uma modalidade excelente e marcante para reflectir sobre as questões específicas que cada caso particular possa oferecer e,



sobretudo, para legislar em conformidade. Não é por acaso que uma parte significativa da bioética anglo-americana é apresentada sob o formato de "case studies" ou em "case books".

Não foi este, porém, o nosso objectivo: a publicação de um "livro de casos" ou tão somente de um único capítulo que se lhes dedicasse inteiramente no âmbito dos parâmetros habituais em que este trabalho é realizado. Tal ter-nos-ia obrigado a seleccionar um conjunto de temas maiores da bioética contemporânea, cada um deles ilustrado por um (ou mais) caso(s) paradigmático(s) dos conflitos latentes nesse domínio específico e seguindo sempre um mesmo modelo de exposição e de comentário para todos. De facto, os casos que constituem esta secção pretendem ser apenas exemplos de possíveis situações de conflito emergentes no âmbito das áreas temáticas mais amplas contempladas por esta publicação. Não nos preocupámos, por isso, em estabelecer um padrão único de apresentação e apreciação de casos para os vários autores que no-los disponibilizaram. Considerámos que a ausência de indicações extensas e rígidas fornecidas aos autores sobre esta matéria permitiria obter um conjunto bastante diversificado de relatos de casos que, em si mesmo, viesse a reflectir a pluralidade possível de que a sua proposta para trabalho se pode revestir. O único requisito óbvio foi o de adoptarem a perspectiva ética.

Nesta postura bastante ampla e flexível no que concerne aos critérios estruturantes da presente secção de "Análise de Casos", permitimo-nos igualmente alargar a comum evocação de casos relativos aos temas gerais contemplados nos capítulos II e III também ao capítulo I e particularmente à questão da multiplicidade de modelos teóricos da bioética, dos diferentes princípios ou valores estruturantes da acção humana. O objectivo, que aqui se repete, é ainda o de reforçar o carácter didáctico desta obra, sublinhando a importância da reflexão sobre os valores para uma deliberação racional e coerente acerca do melhor curso de acção.